

MULHERES E ESPORTE: MODOS DE SE FAZER VER NO SKATE E NO FISCULTURISMO

Silvana Vilodre Goellner
Márcia Luiza Machado Figueira
Angelita Alice Jaeger

RESUMO

Fundamentada nos Estudos Feministas e de Gênero, a partir da perspectiva pós-estruturalista de Michel Foucault, este texto analisa a pouca visibilidade conferida às atletas mulheres em duas obras consideradas referência em modalidades esportivas culturalmente consideradas de domínio masculino: o skate e o fisiculturismo. Ao dialogarmos essas obras com documentos de diferentes naturezas identificamos o quanto o esporte é atravessado por relações de poder e por distinções de gênero pois produzem posições de sujeito muito diferenciadas para os/as atletas, projetando luzes sobre os homens e desvanecendo as imagens das mulheres.

Palavras-chaves: Mulheres; Esporte; Visibilidade

ABSTRACT

Based on Feminist and Gender Studies and adopting a Foucaultian post-structuralist approach, this text analyzes the very low visibility that women have been afforded in two works considered to be fundamental references within two sports that have been culturally represented as male domains: skateboarding and body building. In our dialog with these works, we have been able to identify just how deeply embedded power relations and gender distinctions are within the world of sport, producing differentiated subject positions for male and female athletes and focusing spotlights on men while leaving women's images to fade.

Keywords: Women, Sport, Visibility

RESUMEN

Fundamentado en los Estudios Feministas y de Género, a partir de la perspectiva pos-estruturalista de Michel Foucault, este texto analiza la poca visibilidad conferida a las atletas mujeres en dos obras consideradas referencia en modalidades deportivas culturalmente consideradas de dominio masculino: o skate y el fisiculturismo. Al dialogar con esas obras con documentos de diferentes naturalezas identificamos cuanto el deporte es atravesado por relaciones de poder y por distinciones de género pues producen posiciones de sujeto muy diferenciadas para los/las atletas, proyectando luces sobre hombres y desvaneciendo las imagenes de las mujeres.

Palabras-claves: Mujeres; Deporte; Visibilidad

Considerando que o esporte é um local de formação dos corpos, este texto analisa alguns silenciamentos acerca da inserção e participação das mulheres em duas modalidades: o *skate* e o fisiculturismo. Para tanto analisa duas obras que, além de se apresentarem como de referência destas modalidades, contemplam uma narrativa historiográfica destacando alguns acontecimentos e personagens considerados como fundamentais para a estruturação do esporte nos Estados Unidos e no Brasil. São elas: *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação*, de Arnold Schwarzenegger (2001) e *Onda Dura: 3 décadas de Skate no Brasil*, editado por Eduardo Britto no mesmo ano.

As análises desenvolvidas encontram sua ancoragem teórica-metodológica em vertentes dos Estudos Feministas e de Gênero, inspirados na perspectiva pós-estruturalista de Michel Foucault, especialmente, nas questões afetas a produção dos discursos. Apoiadas nestes campos teóricos, partimos do pressuposto de que as produções discursivas que circulam em torno do *skate* e do fisiculturismo produzem aquilo que nomeiam ou que deixam de mencionar. Em outras palavras: a escassez de referências acerca da existência de mulheres praticantes destes esportes não implica afirmar sua ausência. As fontes aqui revisitadas indicam que, desde seus primórdios, elas vêm protagonizando diferentes formas de vivenciá-los em que pese o silêncio narrativo sobre essa presença.

Por partilharmos da percepção de que a História não representa o passado, mas traduz-se em uma discursividade sobre o passado, analisamos fontes primárias e secundárias cujo conteúdo narrava aspectos referentes ao *skate* e ao fisiculturismo, seja naquilo que evidenciavam, seja nos silenciamentos que produziam. Para tanto foram pesquisados livros, artigos acadêmicos, revistas esportivas especializadas, *sites*, *zines*, reportagens jornalísticas, documentos oficiais, entre outros. No entrecruzamento dessas fontes foi possível perceber dissonâncias na discursividade e visibilidade produzidas sobre o *skate* e o fisiculturismo, fundamentalmente, no que respeita a inserção e permanência das mulheres nestas práticas as quais, não raras vezes, sequer são mencionadas.

Lembremos, com Foucault (2005) que, embora os discursos sejam constituídos de signos, eles fazem mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. Esse algo a mais que o autor menciona, sugere que além de designar coisas, objetos, pessoas, mundo, os discursos também criam coisas, produzem novos objetos; enfim, formam “sistematicamente os objetos de que falam” (SILVA, 2001, p. 43).

Para Foucault (2005), todos os sujeitos estão imersos num campo discursivo e a produção dos sujeitos está imersa em relações de poder e saber, implicados mutuamente. Poderíamos dizer que, se por um lado os discursos são produzidos em meio a relações de poder que instituem o que eles dizem e como dizem, por outro, envolvem os efeitos de poder que são colocados em funcionamento nos discursos e através deles. De outro modo, podemos entender que essas relações envolvem enunciados, falas, visibilidades, textos, imagens, sons que constituem práticas sociais que estão permanentemente engendradas às relações de poder, as quais produzem, reproduzem e atualizam essas relações.

Pensando especificamente nas fontes dessa pesquisa, tanto Arnold Schwarzenegger quanto Eduardo Britto autorizam-se e são autorizados a dizer sobre o fisiculturismo e o *skate* dado sua longa participação junto as modalidade esportiva sobre a qual escrevem. Nas suas obras produzem posições de sujeito muito diferenciadas para os/as atletas, projetando luzes sobre os homens e desvanecendo as imagens das mulheres.

Essa afirmação não implica dizer que as atletas sucumbem a pouca visibilidade que estes autores lhe conferem, muito menos, que elas inexistem no âmbito destes esportes, inclusive no âmbito competitivo. Ao contrário: elas elaboram distintas estratégias para neles permanecerem e se fazerem ver. Recordemos, com Guacira Louro que “o outro sobre o qual a relação de poder é exercido, é um outro que se mantém, até o final, como um sujeito de ação, o outro responde, reage, contesta, aceita, etc.” (2002, p. 17). O que implica afirmar que as mulheres foco desse estudo borram as fronteiras dos discursos que historicamente instituíam limites a sua participação nestes espaços culturalmente dominados pelos homens. E ao fazê-lo constroem, sua posição de sujeito nestas modalidades, a despeito daquilo que delas se diz ou se silencia.

Os feminismos, os estudos de gênero e o esporte

Nas últimas décadas o esporte tem figurado, ainda que timidamente, como um tema sobre o qual estudiosos/as vinculados/as aos Estudos Feministas e de Gênero debruçaram seus olhares para analisar os discursos que circulam no seu entorno atentando, ainda, para as relações de gênero que atravessam essa prática cultural.

Constituído como um espaço de disputas que envolvem distintas relações de poder, o esporte emerge como um campo repleto de ambigüidades que, desde o século passado, fascina e, ao mesmo tempo, desassossega homens e mulheres, movimentando representações de feminilidade e masculinidade, seduzindo e desafiando os limites historicamente e culturalmente constituídos, considerando a fisiologia e a anatomia dos corpos.

Consoante o referencial teórico que ancora este texto, não resta dúvidas que o esporte é produzido e se produz como uma instância que fabrica sujeitos masculinos e femininos visto que se engendra a partir das relações de gênero. Razão pela qual, é observado como um espaço político, um local de resistência e de transformação das relações de gênero. Todavia, a assunção de que o esporte poderia ser um espaço de visibilidades e conquistas femininas, de lutas pela igualdade de condições entre mulheres e homens nem sempre foi consensual entre os estudos do esporte e os Estudos Feministas.

Sem o propósito de elaborar uma narrativa histórica em torno da complexa relação produzida entre os feminismos e os esportes, destacamos dentre muitos, os estudos de Ann Hall (1990, 2005), nos quais sublinha que apenas nos anos de 1980 as lentes dos Estudos Feministas direcionaram os seus olhares para o esporte, produzindo críticas e apontando-o como uma instituição sexista, dominada pelos homens e onde a masculinidade se impunha. Na ótica feminista, a competição acirrada, a valorização exacerbada das habilidades esportivas, a hierarquia, a centralidade da vitória, o cultivo da agressividade e os comportamentos violentos atribuídos ao esporte, faziam dele um espaço “brutal, perigoso e tudo menos humano” (HALL, 1990, p. 239).

No que respeita aos estudos historiográficos sobre a participação das mulheres no âmbito do esporte pode-se notar que, no Brasil, desde os anos 80 do século XX, têm se constituído como uma possibilidade investigativa de várias autoras e autores. A despeito das diferentes correntes epistemológicas e metodológicas que utilizam para analisar essa presença, cabe mencionar que estes textos possibilitam tornarem-se visíveis trajetórias particulares que, de uma maneira ou outra, construíram e constroem histórias sobre o esporte nacional. Permitem conhecer diferentes mulheres cujos corpos e memórias chegam até nosso presente através de rastros do passado, vestígios recolhidos de um outro tempo e ressignificados à luz da interpretação do presente.

Em que pesem as diferentes abordagens privilegiadas nestas pesquisas, vale lembrar que a História é um dos muitos discursos que existem acerca do mundo e da humanidade cujas narrativas tanto podem fazer lembrar o que deve ser lembrado quanto invisibilizar o que deve ser esquecido.

Para o campo esportivo esse “esquecimento” merece ser visto com atenção, pois, freqüentemente, busca-se nos argumentos de cunho biológico a justificativa para exclusão ou, ainda, para a restrição da participação das mulheres em algumas de suas modalidades. Lembremos o Decreto Lei que, na década de 40 do século XX, instituiu a proibição de algumas práticas esportivas por considerá-las violentas à natureza de seu sexo. No mesmo documento nenhuma interdição se fez aos homens mesmo que alguns esportes fossem considerados como extremamente violentos.

Passado mais de meio século, algumas dessas prescrições ainda se fazem presentes. Não são raros os discursos que nomeiam como masculinas algumas modalidades esportivas e, por assim serem representadas, não são facilmente recomendadas para a prática de meninas e mulheres, seja no campo do lazer, como no esporte que se ensina na escola ou, ainda, na expressão do alto rendimento. *Skate*, *rugby*, futebol, boxe, handebol e levantamento de peso, fisiculturismo entre outros, não são habitualmente relacionados à prática de mulheres, o que não significa afirmar que deles elas não participem.

Se nos rastros da história do esporte encontramos vestígios que sugeriam aos homens as práticas corporais que solicitassem força, velocidade, resistência e potencialização muscular; para as mulheres indicavam-se práticas que exercitassem a flexibilidade, agilidade, leveza e suavidade nos gestos corporais. Adelman (2006) aponta que o esporte é constituído como um espaço de lutas e conflitos intensos em torno do que pode ou deve fazer um ‘corpo masculino’ e um ‘corpo feminino’, uma vez que esse campo também produz e faz circular determinadas representações de masculinidade e feminilidade que são inscritas nos corpos, marcando a pele e os modos de viver de homens e mulheres. “Essas marcas produzem efeitos e, não raras vezes, são reclamadas para justificar a inserção, adesão e permanência de homens e mulheres em diferentes práticas corporais e esportivas” (GOELLNER, 2007, p. 184). Por outro lado, essas mesmas marcas podem ser convocadas para excluir, proibir ou silenciar mulheres que ousaram ou desejaram investir em práticas e ou funções esportivas que historicamente não lhes foram indicadas e, talvez hoje, em muitas culturas, ainda não o sejam. Ao mesmo tempo, não há como negar que o esporte feminino no novo milênio está rompendo fronteiras físicas do passado e produzindo novas identidades culturais e esportivas (HARGREAVES, 2000).

Pensar nessas questões, tencionar a centralidade masculina no campo esportivo, desenvolver estratégias de ampliação da participação feminina nos vários setores esportivos e assumir que o esporte se constitui num importante campo de visibilidade para as mulheres, são necessidades que emergem das discussões que envolvem a mulher e o esporte, quando focalizados na perspectiva dos estudos feministas e de gênero. Olhar atento que denuncia que o esporte é um território generificado não porque [é] generificado em sua essência, mas porque são construções culturais às quais se agregam discursos, valores e práticas que acabam marcando nos corpos representações de feminilidades masculinidades.

As *skatistas* e as fisiculturistas que são exibidas ou ocultadas nas obras aqui analisadas evidenciam serem plurais as imagens da mulher no esporte, subvertem a norma e explicitam, através da sua diferença, o quão tênues são os discursos e as práticas que objetivam homogenizações, harmonias, persistências, continuidades. O

silenciamento sobre seus corpos e performances faz ver o murmúrio de uma intensa presença cuja pouca visibilidade não as elimina nem mesmo oculta.

Visibilidades construídas: as *skatistas* e os modos de se fazer ver

Motivadas pelas indagações sobre a ausência de referências ao *skate* feminino em vários veículos que tematizam esse esporte, seguimos o rastro de alguns desses estudos, para trazer do esquecimento histórias invisíveis. Tal intenção aflorou da leitura de uma publicação produzida com o objetivo de narrar a história do *skate* brasileiro entre os anos de 1970 a 2000. Intitulado *Onda Dura: 3 décadas de Skate no Brasil*, editado por Eduardo Britto, o livro apresenta 105 páginas e nela há apenas uma ínfima referência às mulheres na qual o editor informa que, no ano de 1995, foi realizado na ZN *Skatepark*, em São Paulo, o 1º campeonato feminino da década, vencido por Giuliana Ricomini (2001, p. 62).

A invisibilidade apresenta-se, ainda, naquilo que a publicação mostra como imagens significativas desse esporte. Nele aparecem mais de setenta fotos com atletas fazendo manobras radicais: nenhuma delas é de uma *skatista*. Nas suas páginas vemos apenas duas imagens de mulheres e estas são bastante emblemáticas para movimentar análises a partir da dos estudos de feministas e de gênero. Na primeira delas, aparece a vencedora do primeiro campeonato dos anos 90. No entanto, a atleta não é fotografada em ação como são os homens: Giuliana Ricomini está de costas, segurando o *skate* e revelando para as lentes do fotógrafo a imensa tatuagem que colore quase toda esta parte de seu corpo, que está descoberta. A leitura que fazemos dessa construção textual, em nenhum momento é atribuída a alguém que acabou de vencer um campeonato de *skate*. O que se vê é um belo corpo tatuado.

A outra fotografia exibe uma modelo desfilando em um evento de moda realizado em São Paulo, em 1995, no qual representa a loja *Mad Corner*. A imagem exibida é de uma mulher cruzando a passarela com a parte de cima do corpo sem roupa tendo seus seios cobertos apenas por um *skate*.

Se pensarmos que a cultura relaciona-se com a produção e troca de significados entre membros de uma sociedade, como nos fala Stuart Hall (1997), podemos pensar, ainda, que as imagens são determinantes na produção dos significados atribuídos aos corpos e as subjetividades nas sociedades contemporâneas. Afinal, os programas de TV, a publicidade, o cinema, as fotografias de jornais, as pinturas, etc., traduzem o mundo em termos visuais. Tradução essa que nunca é inocente pois essas imagens interpretam o mundo, apresentam-no de formas bem particulares (ROSE, 2001).

As mulheres que são exibidas no livro *Onda Dura: 3 décadas de Skate no Brasil*, são figuras ilustrativas no cenário de uma história protagonizada por homens. Nesse contexto, não importa mostrá-las deslizando nas pistas ou arriscando manobras em gestos certos. A maneira como estão ali colocadas falam de um outro lugar, e este certamente não é o de ação sobre o *skate*. As únicas duas imagens publicadas legitimam representações normatizadas de feminilidade circunscrevendo as mulheres universo da beleza, delicadeza e graciosidade. O que se vê são duas mulheres belas, expondo seus corpos e não seus atributos esportivos – o que, em tese, deveria ser o motivo primeiro para se fazerem presentes um livro que tem como mote contar alguns fragmentos da história do *skate* nacional.

Na contramão dessa narrativa, recorreremos a outros registros, muitos deles produzidos por *skatistas* mulheres. Estes vestígios marginais, porém reveladores (GINZBURG, 2003), possibilitaram a reconstrução de pequenos fragmentos nos quais

as *skatistas* figuram como protagonistas. Por esse motivo, tornou-se fonte privilegiada um exemplar do *zine Check It Out Girls*¹, publicado em 1999 por *skatistas* paulistas com objetivo divulgar o *skate* feminino no Brasil e no mundo². Nas páginas que o integram é possível identificar muitas alusões às mulheres, diferentemente do que Eduardo Brito publicou no seu livro. A reportagem “Evolução”, assinada por Lisa Araújo fornece indícios de que, desde os anos 80, as mulheres já praticavam o *skate* participando, inclusive, de campeonatos.

“Em 1970 já existia skate feminino nos EUA, então lá é muito natural o respeito e o alto nível das skate girls. No Brasil, em 1980, o skate feminino era representado por Leni Cobra, Mirinha, Mônica Polistchuck e outras, correndo campeonatos com os garotos. Infelizmente, as garotas da antiga não estão mais na ativa, pois se estivessem, estariam detonando como as gringas. Elas devem ter desanimado pela falta de apoio e incentivo da época e mudaram suas vidas. No entanto, só em 95 que a categoria voltou com tudo, representada pelas rankiadas de hoje, que não se deixaram abater. Correm campeonatos, viajam pras roubadas e treinam pra evoluir. Também estão surgindo novas revelações garotas que começam a andar mandando flips e descendo corrimãos. Esse é um dos méritos do skate feminino em sua evolução pois o espaço aberto dá oportunidade para as garotas se atirarem mais” (ARAÚJO, 1999, p. 1).

A narrativa aqui é outra: menciona campeonatos, atletas, manobras, ousadias, evolução. As imagens publicadas também são outras: as mulheres estão em ação no *skate*, realizando diferentes manobras. Aqui são as suas performances que protagonizam a cena.

Outro vestígio que menciona a presença das mulheres no *skate* brasileiro foi o *ranking* organizado pela Associação Brasileira de *Skate* Feminino³ relativo ao ano de 1997. Nele aparece a classificação de 33 atletas cuja procedência remonta a diferentes cidades: São Paulo, Ribeirão Preto, Goiânia, Niterói, Rio de Janeiro, São Bernardo do Campo, Curitiba, Brasília, Bauru, Taguatinga. No *ranking* de 1998 figuram novas cidades: Nova Iguaçu, Irajá e Campo Grande, ou seja, o *skate* feminino acontecia em diferentes espaços urbanos brasileiros.

Para além desses registros, na edição comemorativa aos dez anos de existência da Revista *100%Skate*, publicada em julho de 2006, há uma matéria assinada pela *skatista* e webmaster do site *Skate para Meninas*, Evelyn Leine. Denominada “Três gerações

¹ Esse *zine* originou a Revista *Check It Out* que é publicada nos Estados Unidos e tem como editoras duas *skatistas* brasileiras: Lisa Araújo e Luciana Ellington.

² O acesso a esse material foi possível através da *skatista* e organizadora do site *Skate para Meninas*, Evelyn Leine, que permitiu sua reprodução.

³ Fundada por *skatistas* mulheres em agosto de 2002 na cidade de São Paulo.

<http://absfe.blogspot.com/2006/09/absfe-associao-brasileira-de-skate.html>. Acesso em 15 de setembro de 2008

do *skate* feminino”, a autora entrevista as *skatistas* Giuliana Ricomini⁴, Marta Linaldi⁵ e Letícia Bufoni e Silva⁶ que descrevem sua trajetória no esporte bem como suas percepções acerca do *skate* feminino no Brasil. Depois de detalhar cada entrevista Evelyn registra: “O fato é que, no decorrer de tantos anos de história no skate feminino brasileiro, muitas coisas mudaram. Mas, apesar de muitas barreiras terem sido quebradas, o skate feminino tem muito que evoluir. Giuliana, Marta e Letícia comprovam isso contando um pouco de suas trajetórias em diferentes épocas” (LEINE, 2006, p. 98).

Ao dialogar estas diferentes fontes de investigação, é possível apontar caminhos distintos que ora mais, ora menos possibilitaram a aparição das *skatistas* brasileiras. Os exemplos trazidos ao texto sinalizam o quanto os discursos produzem os sujeitos que nomeiam ou, ainda, que tornam invisíveis. Com isso estamos a afirmar que a pouca visibilidade que as *skatistas* brasileiras têm resulta, não da sua ausência neste esporte mas, fundamentalmente, da construção de uma rede discursiva que as posiciona nas margens seja no passado, seja no presente.

Representativa dessa diferenciação de posição de sujeito ocupada atletas homens e mulheres desta modalidade esportiva foi a distinção que a mídia brasileira, inclusive especializada em *skate*, fez acerca da participação de *skatistas* no circuito internacional no ano de 2005. Ao relatar as conquistas que o *skate* brasileiro teve na Europa, o editor da revista *100%Skate* assina uma coluna denominada “Dando Idéias” na qual registra: “Sandro Dias Mineirinho foi o campeão do circuito europeu no vertical, Daniel Vieira alcançou o mesmo no street. De quebra, este foi ainda o primeiro brasileiro a vencer na Alemanha na sua modalidade. Não é pouca coisa” (MURARO, 2005, p. 114).

Nesse mesmo circuito também participou e obteve a conquista do título de Campeã Mundial do Vertical Feminino, a atleta Karen Jones, única atleta brasileira a conseguir essa vitória. No entanto seu nome sequer é mencionado. As conquistas relatadas pelo editor são do *skate* masculino - o referente.

Karen Jones tão logo venceu o campeonato enviou um *e-mail* ao site *Skate para Meninas* que foi publicado na íntegra com o título “Campeã Mundial”. Comemora a atleta:

“Só mando notícias agora porque tem net aqui no campeonato, é a primeira vez que sento com calma na frente do computador. Falando especificamente do Vert Feminino rolou competição. Eu vim para correr com os caras [...] então foi muito melhor do que eu esperava. Andei de boa, acertei tudo, isso me deixou mais feliz! No final da session eu achava que tinha ganho (humilde né) haha mas não contava na certeza porque sabe como são as coisas nesses campeonatos, as vezes algum nome pesa mais que o skate [...] Foi a maior festa. Eu ganhei no feminino, o Mineirinho no masculino e o Daniel Vieira no

⁴ Em julho de 2008: 31 anos e 18 de *skate*. Anda de *skate* desde o início dos anos 90. Correu o campeonato *Check It Out Girls*, em 1995, em São Paulo, e *All Girls Skate Jam*, em 1999, nos Estados Unidos.

⁵ Em julho de 2008: 23 anos e 10 de *skate*. Faz parte de uma geração que fortaleceu com a criação da Associação Brasileira de *Skate* Feminino.

⁶ Em julho de 2008: 14 anos e 4 de *skate*. Já correu vários campeonatos (o primeiro em 2004), tem patrocinador e vem se destacando a cada competição.

street [...] só faltou o street feminino pra gente levar tudo”
(JONES, 2005, p. 1).

Nestes excertos podemos evidenciar dois enunciados que falam de um mesmo circuito e das conquistas de um grupo específico – “*skatistas* do Brasil”. No entanto, um deles negligencia a vitória da atleta brasileira que compete na categoria vertical feminino mesmo que tenha, junto com o grupo citado, conquistado um título bastante significativo para o *skate* nacional. Aqui podemos pensar, tal qual evidenciou Michel Foucault (2005), que os enunciados posicionam os sujeitos de modo particular nos discursos. Cauê Muraro, ao ignorar a participação e a conquista de Karen Jones no circuito europeu de 2005, está posicionando apenas uma representação hegemônica de atleta do *skate* - a do sexo masculino.

Tenha ou não a atleta conseguido um feito na história do *skate* brasileiro - o título de “Campeã Mundial” - a “naturalização” de que as conquistas mais importantes são dos atletas homens é aqui reafirmada na relação de poder que o editor tem “de dizer quem deve” estar presente no que foi por ele produzido para ser divulgado. Silenciar a respeito do esforço e do trabalho que a atleta imprimiu sobre si para chegar nessa posição, faz parte desta rede discursiva que reforça a permanência da norma invisibilizando, de certo modo, o *skate* feminino no Brasil.

A visibilidade sombria das arquiteturas corporais femininas no fisiculturismo

A emergência do fisiculturismo possui uma história marcada por invisibilidades, suspeições, disputas e tensões que o constituem como um esporte amado, admirado e desejado, mas também, rejeitado, ignorado e excluído. Culturalmente e socialmente distante dos louros olímpicos e dos lugares nobres - embora diferentes investidas tenham sido empreendidas para inseri-lo nesses espaços -, o fisiculturismo cria estratégias de visibilidade⁷, se multiplica e se reinventa para manter-se vivo e pulsante no campo esportivo. Instância que, cada vez mais, se vale da tecnologia para produzir e visibilizar em escala global mais um fascinante espetáculo, do qual ele próprio - o fisiculturismo - ainda não conseguiu autorização para participar. Nesse contexto, emerge nos anos de 1980 a vertente feminina deste esporte que, desde aquela época, vem se constituindo, afirmando e atualizando consoante a aceitação ou não da potencialização, cada vez maior, dos músculos das mulheres.

Torna-se necessário mencionar que as arquiteturas corporais femininas, excessivamente transformadas pelo exercício físico foram alvo de reações, inclusive no interior do próprio fisiculturismo, modalidade esportiva cuja centralidade situa-se no volume da potencialização muscular e na sua espetacularização. Baseada em argumentos relacionados à estética e à saúde, no final dos anos 90, a *International Federation of Body Building* inaugurou pequenas alterações nas regras das competições sugerindo uma diminuição no volume muscular das competidoras. Colaborou para essa reação, a falta de interesse do público em competições femininas e, em consequência, o pouco espaço destinado às atletas na mídia e o restrito interesse de patrocinadores. Diante desse cenário, no ano 2000, foi instituída uma divisão da modalidade em duas categorias, a *lightweight* e a *heavyweight*. Tal divisão não impediu que as atletas

⁷ Exemplo disso são as inúmeras páginas pessoais dos/as atletas, sua participação em comunidades virtuais e o alimento diário dos *sites* da Federação e Confederação, com direito a transmissão ao vivo das competições internacionais.

continuassem a tornar grandes e musculosos os seus corpos, em especial, as competidoras da categoria *heavyweight* que exibiam-se nas competições com músculos cada vez maiores e mais definidos. Em 2004, a *International Federation of Body Building*, proclamou nova decisão: a diminuição de 20% do volume muscular das atletas. Tal procedimento visava controlar o excesso das mulheres cujos corpos estavam produzindo uma aparência considerada como masculina de modo a prejudicar, por assim dizer, a feminilidade das atletas.

Talvez essa seja uma das razões pelas quais, na obra referência da modalidade, intitulada *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação*, haja escassa menção às mulheres, suas performances e corpos. Escrita por Arnold Schwarzenegger, traduzida e publicada no Brasil em 2001 a obra, no ano de 2006, estava na sua quarta reimpressão. Em um único volume de 800 páginas, o autor produz uma narrativa acerca da emergência e constituição do fisiculturismo. A enciclopédia é atravessada pela profusão de mais de quinhentas imagens, a maior parte delas do próprio Schwarzenegger, mostrando corpos em exercício ou fazendo as poses clássicas do fisiculturismo, constituindo-o como um lugar de homens e para homens.

O que capturou nosso olhar nesta obra não foi a promoção e a exagerada exposição que o autor faz da sua vida como fisiculturista, mas a posição de sujeito negada às mulheres atletas, que marca todo o volume. Afinal, uma enciclopédia é uma obra que tem a pretensão de abranger um conjunto de saberes de um determinado campo, no caso, o fisiculturismo, o que, entende-se, implica posicionar como sujeitos esportivos os homens e as mulheres. Apesar das escassas referências às mulheres, o autor produz um discurso endereçado aos homens e às mulheres que desejam constituírem-se atletas dessa modalidade esportiva. Os métodos de construção das arquiteturas corporais ajustadas a esse esporte, os cuidados na produção e exibição do corpo, as estratégias de preparação para a competição, a escolha dos alimentos que auxiliam na potencialização dos corpos, as dietas, a escolha do traje e da música para a exibição e a tonalização da pele são minuciosamente ensinados e dirigidos aos homens. É para eles que Schwarzenegger fala.

Como um vulto quase indecifrável, as mulheres aparecem na *Enciclopédia* em dois breves momentos: primeiro, quando o autor produz em duas páginas a sua noção de “fisiculturismo feminino”, afirmando que “as mulheres possuem os mesmos músculos que os homens e devem ser livres para desenvolvê-los como desejarem, [todavia] o aspecto mais significativo do fisiculturismo para as mulheres é a sua influência na saúde e na aptidão física” (SCHWARZENEGGER, 2001, p. 45). Depois, ainda mais brevemente, quando indica não ter um treinamento específico para as mulheres, pois elas devem treinar como os homens, visto que “suas células não sabem que vocês são mulheres” (idem, p. 83). Essa situação enuncia um paradoxo pois, ao mesmo tempo em que equipara as possibilidades e necessidades de treinamento entre homens e mulheres, remetendo essa igualdade à constituição biológica, deixa escapar a noção da diferença produzida em uma instância que fixa e universaliza representações que enunciam as mulheres. Ao produzir esse discurso, Schwarzenegger produz representações que classificam, nomeiam, excluem, julgam, visibilizam, silenciam e marcam os corpos das mulheres atletas da potencialização muscular de diferentes modos e nas distintas instâncias sociais. No campo esportivo, embora não invisibilize a presença feminina, ele a secundariza e sintetiza em alguns poucos parágrafos. Os protagonismos de muitas mulheres atletas são esfumados e silenciados em uma obra que discursivamente institui e visibiliza o fisiculturismo como uma produção masculina.

Mais uma pista a ser adicionada à visibilidade sombria das mulheres no fisiculturismo refere-se à colaboração do fotógrafo Bill Dobbins, mencionado já na capa da *Enciclopédia*. Dobbins é autor do livro *Modern Amazons* em que apresenta um conjunto de 112 imagens em que atletas mulheres das diferentes modalidades do fisiculturismo expõem seu corpo em poses que nada lembram o esporte, constituindo-se em modos múltiplos de visibilizar os corpos, ou partes deles, explorando ângulos, cores, luzes e sombras. Além desse, publicou também, outro livro⁸ focalizando a mesma temática e ainda possui um *site*⁹ onde oferece acesso a uma galeria que exhibe e vende imagens na forma de fotografias ou vídeos de mulheres fisiculturistas que competem nas categorias *fitness*, *figure* e do *physique*. Nesses artefatos, o fotógrafo explora os contornos corporais das atletas, privilegiando a representação da erotização do músculo, fotografando-as em cenários e gestos diversos e, muitas vezes, centralizando seu olhar sobre o corpo nu, que é exibido em múltiplas posições e contextos.

A relação das obras de Schwarzenegger e Dobbins não se apóia apenas no fato de ambos discursivamente produzirem seus modos de ver e representar o fisiculturismo, os quais se constituem em olhares diversos ao significá-lo. O que nos surpreendeu nessa aproximação foi a observação de que a colaboração de um fotógrafo reconhecido pelas imagens que produz dos corpos femininos potencializados não tenha deixado registrada, na *Enciclopédia*, a inscrição mais singular e forte do seu trabalho, uma vez que as imagens publicadas de sua autoria são de atletas homens. Em síntese, entre as quinhentas fotografias que fazem volume na obra de Schwarzenegger, apenas uma delas põe em cena uma mulher e essa imagem não é da autoria de Bill Dobbins.

A imagem apresenta uma mulher posicionada entre dois homens e trata-se de uma fotografia de George Geenwood, datada de 1970, na qual visualiza-se Frank Zane, o vencedor do Mister Universo Amador e Arnold Schwarzenegger, que venceu o Mister Universo Profissional. Entre eles, está a vencedora do Miss Biquíni, Christine Zane. Nesta imagem, embora a mulher seja o centro da fotografia, parece que é para as laterais, para os volumosos corpos masculinos que o nosso olhar é atraído. Há um contraste entre a delicadeza do corpo feminino e a robustez dos corpos masculinos e a atleta parece traçar uma tênue linha entre os corpos dos homens. Ao mesmo tempo, parece que Christine está apoiada em um suporte ou pedestal, pois se ergue tal qual um troféu entre os dois homens e sua altura lhe permite ficar acima de Frank e Arnold, mas neles está apoiada. Frank ainda pousa a mão sobre o joelho de Christine, sugerindo certa intimidade, o que, ao que tudo indica, está autorizada pelo sobrenome Zane que ambos assinam.

Embora a *Enciclopédia de Fisiculturismo e Musculação* produza uma visibilidade sombria acerca da participação das mulheres na constituição do fisiculturismo, inúmeros artefatos culturais desconstróem essa noção e apontam a presença feminina, tanto no passado como no presente, na constituição desse esporte. Nessa direção, tanto a *internet* como as revistas especializadas constituem-se em artefatos que privilegiam a disseminação de informações sobre a participação das mulheres na produção do esporte. Todavia, a primeira constitui-se num espaço privilegiado em que despontam inúmeros *sites* que visibilizam, tanto em nível internacional, nacional ou nas páginas pessoais das

⁸ *The women: Photographs of the top of female bodybuilders* (1994).

⁹ Disponível em: www.billdobbins.com, que oferece a www.billdobbins.com/index-com.html, no qual possui inúmeros perfis de mulheres com “corpos macios e músculos sexy” e comercializa as imagens. Há ainda um segundo *site*, www.billdobbins.net, em que comercializa imagens de atletas de fisiculturismo com uma visão artística e erótica da nudez. Em ambos os espaços, é possível comprar o acesso, fazer *download* e imprimir imagens que são restritas aos internautas pagantes.

fisiculturistas, os feitos das mulheres atletas da potencialização muscular. Nesses artefatos elas narram as suas trajetórias esportivas, marcando com imagens capturadas em distintas competições e eventos as suas biografias. Contam como construíram seus corpos e alertam para as difíceis escolhas que marcaram e marcam a produção das arquiteturas corporais exigidas pelo esporte. Disciplina foi e continua sendo uma palavra que atravessa o gerenciamento do seu cotidiano, constituído por intensos treinamentos, dietas restritas e distintas privações.

Andréa Carvalho, Loana Muttoni, Juliana Malacarne, Larissa Reis, Gal Ferreira, Claudia Peçanha, Silvia Finocchi, Diana Monteiro, Larissa Cunha e Roberta Gomes são algumas das atletas que despontaram no Brasil e venceram campeonatos também no exterior. Os destacados resultados possibilitaram que as cinco primeiras atletas privilegiassem competições realizadas nos Estados Unidos, o território primeiro do fisiculturismo mundial.

Em síntese, as fontes analisadas sugerem que, a cada ano que passa, a potencialização muscular feminina amplia os seus espaços de aceitação social e, ciente dessas possibilidades, o próprio campo esportivo produz e se produz em meio a essas mudanças, aumentando o número de modalidades para a participação feminina, atualmente estruturado em quatro categorias: a *physique*, *figure*, *fitness* e *figure toned*. Essa ampliação sugere que atualmente não é mais possível falar do fisiculturismo e invisibilizar a presença das mulheres. Hoje elas competem como atletas, amanhã, talvez, ousem assumir posições de comando em um esporte que ainda é conduzido majoritariamente por homens, porém são elas, as atletas da potencialização muscular, que produzem o espetáculo nos eventos esportivos.

Considerações Finais:

Da análise do material empírico apreendemos que as estratégias de visibilidade promovidas pelas *skatistas* e pelas fisiculturistas em busca da significação da sua ação e do seu posicionamento como sujeitos destas práticas esportivas, evidenciam a dimensão da positividade do poder, conforme cunhou Michel Foucault (2004) ao afirmar que este é sempre produtivo. Indicamos, portanto, que ao produzirem modos de se fazer ver e de permanecerem no esporte, as atletas colocaram em ação disputas de poder entendido aqui como prática de ações possíveis que perpassa as relações entre sujeitos e instituições.

Essa afirmação não implica posicionar atletas no lugar de vítimas. Outrossim, recorreremos às condições de possibilidade que, neste tempo e espaço circunstancial as posicionam diferentemente dos homens. Ao apontar, aqui, alguns fragmentos de seu protagonismo e as disputas que travam em busca de reconhecimento e significação, destacamos que o esporte, assim como qualquer outra prática social, é um campo generificado de disputa. Ou seja, revela-se como um espaço cujo acontecer está constantemente atravessado por relações de poder. Poder que se expressa através de diferentes formas: nas desigualdades de acesso e permanência no esporte, na quantidade de campeonatos realizados, no maior ou menor espaço disponibilizado pelos diferentes artefatos midiáticos, nas premiações distintas, enfim, em uma série de situações nas quais se evidenciam distinções para homens e mulheres no entorno do próprio esporte seja ele praticado como exercício de lazer e sociabilidade, seja ele voltado para alta performance e competição

Referências:

- ADELMAN, Miriam. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades. *Movimento*. Porto Alegre, vol, 12, n. 1, p. 11-20, maio/2006.
- ARAÚJO, Liza. Evolução. *Check it out girls*. Los Angeles, v. 6. p.1-3, dez, 1999.
- BRITTO, Eduardo. *A Onda dura: 3 décadas de skate no Brasil*. São Paulo: Gráfica Círculo, 2000.
- DOBBINS, Bill. *Modern Amazons*. EUA: Taschen, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- _____. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.
- GOELLNER, Silvana V. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. *Movimento*, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 171-196, maio agosto, 2007.
- HALL, Ann. How should we theorize gender in the context of sport. In: SABO, D.; MESSNER, M. (Org.) *Sport, men, and the gender order: critical feminist perspectives*. USA: Human Kinetics, 1990, p. 236-248.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.
- HARGREAVES, Jennifer. *Heroines of Sport: the politics of difference and identity*. London and New York: Routledge, 2000.
- JONES, Karen. Campeã Mundial, 2005c. *Skate para Meninas*. Disponível em <<http://www.skateparameninas.com.br/>> Acesso em: 15 set 2007
- LEINE, Evelyn. Três gerações do skate feminino. *Revista 100%Skate*, Edição especial aniversário de 10 anos, agosto de 2006.
- LOURO, Guacira. Currículo, gênero e sexualidade: o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G.; NECKEL, J. e GOELLNER, S. V. (Orgs). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- MURARO, Cauê. Dando Idéias. *100%Skate*. São Paulo, ano 10, vol. 81, p. 97-101, jul 2005,
- ROSE, Gilian. *Visual methodologies-na introduction to the interpretation of visual materials*. London: Publications. 2001.
- SABO, Donald. O estudo crítico das masculinidades. In: ADELMAN, Miriam e SILVESTREIN, Celsi B. (Orgas). *Coletânea Gênero Plural*. Curitiba: Ed. UFPR, 2002, p. 33-46.

SCHWARZENEGGER, Arnold. *Enciclopédia de fisiculturismo e musculação*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu. *O currículo como fetiche: a poética e a política do texto cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Endereço: Silvana Goellner
Rua Felizardo, 750
Jardim Botânico
Porto Alegre – RS
90690-200
E-mail: goellner@terra.com.br

Recurso tecnológico: Data-show

